

POEMAS*De Branca Sobreira***1.**

De olhos fechados
Sinto o granulado da areia embaixo dos pés
Quando criança não gostava da textura
hoje sinto falta
Falta que é buraco vazio no peito
É navio naufragado sem capitão
Com tripulação de fantasmas
Sendo devorados por peixes e bichos marítimos
Das profundezas
Do azul escuro

Ainda de olhos fechados
Ouço o barulho da turbulência das ondas, do vai e vem
É tanto infinito naquele espaço
Dos ossos quebrados e corpos afundados
Esqueceram dos esquecidos
No farol desativado
Que ainda encandeia
Quebrado

No horizonte sem fim
Uma cor sem fim
Uma luz sem fim
Uma viagem sem fim
Sem âncoras
Sem cordas ou laços
Nesse abraço
É só o (a)mar

2.

Quando leio as notícias
Fico zonha de tanto vermelho
Do sangue jorrado e quente
de quem não conheço
e nem vi
Mas sou eu também
a criança que perdeu a respiração
pela bala que entrou na sala sem aviso
O negro que caiu no chão e o
coração parou de bater
Su-bi-ta-men-te
A mulher sem vida no chão da sala
Re-cor-ren-te
A violência cala
O agressor continua livre
sem medo
Ele cala
Mas as pessoas protestam
Nem tão
Li-vre-men-te
Os dias passam e o homem branco
Lê o jornal e fala
Em voz alta
“Esse país tá sem jeito”
e ai muda a página
e segue a
viver até
morrer

3.

Eu adoro as suas mãos, as veias saltadas,
os sinais, os anéis de ouro e prata que você mistura com tanto
estilo e personalidade.

Os seus olhos, já a vi pinta-los na frente do espelho tantas vezes,
perplexa com sua vaidade
Eles são expressivos, abrem a janela da sua alma,
mostrando um ser jovem, independente da idade
São travessos
Curiosos
Se apertam de felicidade e soltam água de emoção
As ruguinhas existentes ao redor contam em linhas
a história de tudo que você
já viu

O seu cabelo era volumoso e cacheado
Agora é fino e liso
Mudou com o tempo, como você inteira
Mulher
Madura
Filha
Fêmea
Mãe

A espinha dorsal é o que te mantém em pé
Te faz andar e enfrentar qualquer situação
Que seja
Até uma pandemia que desalinha a
ordem dos planetas
Aquilo que conhecíamos e
não existe mais

Os cotovelos estabanados já quebraram copos,
Por descuido
Por desatenção
Os cacos ficaram no chão, mas com cuidado você
Os recolheu

E as suas pernas já andaram,
Percorreram
Te trouxeram até aqui
As suas pernas e de mais ninguém
Te trouxeram até aqui
E te levarão
Além

4.

As plantas morreram
Porque o adubo acabou
Cadê a água?
Cadê a luz?
É seco o terreno
Que sufoca
O verde do mundo

5.

Quando ela foi embora, eu fui também
Fiquei só a carne e o osso
Sem ter o que comer
Ela vai voltar?
Ou me esqueceu
De vez?
Aqui no meu barraco só tem formiga
O cheiro é forte
Tem muito grito na madrugada
E barulho de fogos
Mas não sei se esses vem do céu
Ou do revólver
Eu rezo o que sei
Queria saber escrever carta
Com letra bonita em papel caro
Tomar banho de água corrente
Lavar a sujeira
E as mordidas dos bichos
Que de pouquinho vão me comendo todo
E eu só quero guardar o que tenho
Dentro de mim
Mais um pouco

***BRANCA SOBREIRA** (CANADÁ-CEARÁ). Jornalista e escritora. Como jornalista atuou como repórter e produtora de televisão. Como escritora publicou a coletânea de contos intitulado “20” (Editora Moinhos). Publicou a Zine “Alucinações em tempos de pandemia” pela Aliás Editora. Foi destaque no XIX Prêmio Ideal Clube de Literatura (2017). Imigrante, mora em Toronto há três anos, onde colabora no Jornal de Toronto com textos, contos e artigos. Administra o instagram @praleitura com dicas de livros e autores